

DOM JOAQUIM

Sua Alteza, que Deus guarde,
 Aviso ao mar mandaria;
 Que se aparelhasse a armada
 Para largar no outro dia.
 A armada se aparelhara
 Com extrema galhardia;
 Meia-noite, que era em ponto,
 Dom Joaquim já não dormia.
 Mal o sol vinha raiando,
 Tudo já manobraría;
 Tirara peças de leva,
 Em sinal de que saía.

Saindo de barra em fora,
 Quando já terra não via,
 Forte armada avista ao longe,
 Que em todo o mar se estendia.
 Uma à outra se chegara
 Pelo pino do meio-dia,
 A batalhar se puseram
 Cada qual com mais porfia;
 A salva que o perro dava,
 Tudo era mosqueteria;
 Muito tempo já durava,
 Nem um nem outro vencía;
 Dom Joaquim, quase perdido,
 Sem saber o que faria,
 A um Santo Cristo abraçado,
 De popa à proa dizia:

— Deus do céu, que me estais vendo,
 Filho da Virgem Maria;
 Não permitais, Deus bendito,
 Que vamos dar à Turquia!

Palavras não eram ditas,
 Sua voz o céu ouvia,
 Pois passado pouco tempo
 O rei moiro se perdia.
 As galés que ele trouvera
 Todas lo mar engolia;
 De quatrocentas e oitenta
 Uma só lhe escaparia,
 Essa co'o leme quebrado,
 E a popa em grande avaria,
 Com a bandeira de rastos
 Em desprezo da Turquia.

— «Que nobre armada era aquela,
 Que tão briosa vencía?»
 Comandava-a Dom Joaquim,
 Mais valente não a havia.

Já voltava às suas praias
 Com soberba galhardia.
 O perro moiro vencido
 Com muita mágoa dizia:

— «Não se me dá das galeras,
 Nem do que nelas havia,
 Dá-se-me da minha gente,
 Que era la flor de Turquia,
 E mais de uma filha moça,
 Que era a estrela do meu dia!